

UMA ANÁLISE SOBRE SER CRIANÇA NO FILME “MENINO MALUQUINHO”

Pedro Aparecido Barreto de Melo

Este trabalho tem por objetivo analisar a concepção de infância abordada no filme “O menino maluquinho”, de 1995, do diretor Helvécio Ratton, uma história adaptada do livro do cartunista Ziraldo Alves Pinto. Ao debruçar-me sobre a infância e o cinema, os quais tenho como objetos de pesquisa na dissertação de mestrado, me deparei com distintas imagens de infância, dentre elas, as que trazem esse tempo de vida caracterizado pela liberdade, diversão, tendo a rua como cenário privilegiado da infância. A análise do filme, presente neste trabalho, encontra-se ancorada na teoria da enunciação de Mikhail Bakhtin e nos estudos culturais.

A infância e sua relação com as mídias são campos de pesquisa investigados pelos estudos culturais. As mídias, nesta perspectiva, são definidas como artefatos culturais, posto que constroem sentidos, que circulam na sociedade, e colaboram no processo de ressignificação de relações sociais e práticas sociais (JOHNSON, 2006). Nesse sentido, formas de conceber a criança circulam nos artefatos culturais, interpelando os sujeitos – crianças e adultos – em seus modos de ser e relacionar-se.

Ao tratarmos da história do cinema e trazer para discussão a infância, observamos que as primeiras produções cinematográficas não tinham as crianças como destinatárias, mas sim o público adulto (MELO, 2013).

Neste trabalho, pretendemos analisar os textos verbais e não verbais (imagéticos), considerando construções ideológicas, valores, ideias e modos de ser que constituem as interações verbais em torno da imagem da criança. Buscamos, também, destacar como os elementos de linguagem do cinema contribuem na construção do universo da criança, atendo-nos aos elementos da linguagem cinematográfica, como planos, ângulos e sonorização, que definem modos de representar a criança.

O filme “Menino Maluquinho” conta a história de um garoto e sua infância, tempo do brincar, da liberdade e da amizade. Esse é um filme que busca reafirmar ideologias, valores e modos de viver a infância por meio de signos específicos: situações em que Maluquinho brinca na rua com seus amigos; as travessuras na escola; ou quando as personagens afirmam o tempo da infância como distinto do tempo do adulto. Para Bakhtin, “tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. Sem

signos não existe *ideologia*” (2006, p. 29. Grifos do autor). O filme retrata um modo de ser criança, que já não corresponde ao que as crianças estão vivendo no momento histórico de produção do filme, pois, na década de 1990, as cidades brasileiras passavam por intensas transformações no campo político, social e cultural. Cada vez mais, as formas de diversão das crianças estavam relacionadas ao assistir TV, ouvir rádio, vídeo games, sendo mediadas pelas tecnologias.

O cinema, por meio de seus elementos de linguagem, constrói signos de infância. Com a inclinação da câmera, o ângulo de filmagem e os planos, o enquadramento, que fornecem uma visão a partir do olhar da criança, Maluquinho é apresentado como se estivéssemos em sua frente, como se fosse ressaltar seu ar de igualdade, de esperteza perante os adultos.

Para Duarte (2009), nenhuma outra forma de arte consegue apresentar tão bem o ponto de vista da criança. As representações dos gêneros infantis trazem os signos de infância, das brincadeiras, das travessuras, espaços cristalizados como infantis. São apresentados os espaços particulares da criança, que são convencionalmente adotados como lugares por ela habitados. No filme, os espaços são: a escola, o quarto e a rua.

Um espaço infantil bem recorrente nos filmes são os quartos que, no caso de Maluquinho, apresenta símbolos do menino: um quarto cheio de brinquedos, totalmente desorganizado, que vai ao encontro do discurso de que todo menino é desorganizado. Para tornar isto visível, as imagens do quarto são enquadradas a partir do movimento da câmera em visão panorâmica, exibindo toda a bagunça que nele se faz presente.

Além de apresentar os espaços habitados pela criança, temos também a forma como o menino se relaciona com os outros, com a família, com o feminino, com os pais, os avôs e amigos. Do relacionamento da criança com os outros, ressoam vozes sobre a idealização de um personagem infantil, que expressam formas de se relacionar e de ser, que ecoam nas ações e nos discursos das crianças; são vozes de adultos. Analisamos esses discursos que se entrecruzam pelo viés do dialogismo de Bakhtin, entendido como princípio discursivo que se caracteriza pela existência tensa de diversos sentidos (vozes) em um mesmo enunciado, oferecendo amplas possibilidades de analisar textos cinematográficos a partir do confronto permanente entre os discursos que habitam uma dada cultura, na condição de vozes sociais, presentes nos enunciados das personagens.

O cinema retrata formas de ser, de agir e valores que refletem visões de mundo, uma produção ideológica. A personagem “Maluquinho,” nesse sentido, constitui uma representação de modos de ser, de valores que remetem ao mundo infantil. Na

perspectiva dos estudos culturais, o filme se torna um espaço de significação do mundo infantil, seus espaços, modos de se relacionar com os outros e de significar a criança.

Maluquinho representa um ideal de criança feliz, que gosta de brincar e fazer travessuras. Além disto, gosta de ler, fazer versinhos, é-lhe exigido tomar banho na hora certa, alimentar-se nos horários certos e dormir na hora que, supostamente, criança tem que estar na cama.

O filme suscita vários questionamentos acerca da infância. A criança que brinca na rua, que sobe em árvores, que conhece todos os seus amigos do bairro acabou? É possível afirmar isto, mesmo sabendo que existem formas de se viver distintas, nos grandes centros e em cidades pequenas, povoados e vilas? Como é o Menino Maluquinho de hoje? É um menino “antenado,” que acessa as redes sociais, que joga vídeo game, que está em contato com o mundo virtual?

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

DUARTE, R. **Cinema e educação**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

JOHNSON, R. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, T. T. (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 07-131.

MELO, J. B. **Lanterna mágica: infância e cinema infantil**. Rio de Janeiro: Editora Afiliada, 2011.